

Academia polytechnica do Porto

A academia polytechnica do Porto, que até 1837 se denominou academia de marinha e commercio, foi creada por alvará de 9 de fevereiro de 1803, e em resultado de uma consulta dirigida ao principe regente pela companhia dos vinhos do Alto Douro. Da addição successiva de diversas aulas publicas, feita em differentes epochas a uma aula de nautica que em 1779 já existia no collegio da Graça d'esta cidade, e da sua definitiva reunião n'um só edificio, proveiu a formação d'este util estabelecimento.

Assim, uma primeira aula de debuxo e desenho lhe foi annexada em 1779, em resultado da proposta feita no anno anterior pela junta da dita companhia, e nomeado para primeiro lente da nova cadeira Antonio Fernandes Jacomo.

Para custeio da aula se destinou n'esse anno o producto da decima descontada pela dita junta aos accionistas da companhia, e pelo mesmo modo que se operava com a eschola de nautica. As duas aulas ficaram sendo publicas e collocadas sob a inspecção e cuidado da indicada junta.

A utilidade que as artes e officios tiravam d'esses cursos, e as despezas e incommodos que os habitantes do norte do reino soffriam para mandar seus filhos á corte a procurar conhecimentos scientificos, foram causa que D. João VI creasse, em 1803, novos cursos, e reunisse todas as aulas n'um só estabelecimento, que denominou academia de marinha e commercio.

O mesmo alvará que ordenava a creação da academia ordenou tambem a immediata construcção de um edificio no terreno do collegio dos meninos orphãos, proprio para conter não só as novas aulas (mathematicas, commercio, lingua franceza e ingleza), mas tambem as duas já existentes; a imposição por dez annos de um real em cada quartilho de vinho que se vendesse no Porto e districto do privilegio exclusivo da junta da administração da companhia, para a despeza da construcção do edificio, e encarregava a mesma junta da recepção e cobrança da nova contribuição, da construcção do edificio e da inspecção de todas as referidas aulas.

Além d'isso, a camara do Porto foi obrigada [1], a partir d'essa epocha, a contribuir até á quantia de 2:400$000 réis annuaes para pagamento dos ordenados dos professores e premios aos alumnos que mais se distinguissem, quantia que satisfez até ao fim de 1826, subindo o total pago a 28:095$583 réis.

Assim, pois, ficou constituida a real academia de marinha e commercio com um subsidio annual de 26:400$000 réis, percebidos pelo modo seguinte:

Decima dos accionistas da companhia, anno médio, 6:000$000 réis; consignação da camara, 2:400$000 réis; real do vinho, anno médio, 18:000$000 réis; total, 26:400$000 réis.

Como dissemos, o alvará da creação da academia ordenava a immediata construcção do edificio; como, porém, fosse necessario que as aulas funccionassem desde logo, procedeu-se á construcção de alguns barracões de madeira provisorios, e a 4 de novembro do dito anno verificou-se a solemnidade da inauguração da academia nos claustros do collegio dos meninos orphãos. Parece que as obras de cantaria se seguiram a esta sem mais demora e sem mais alguma solemnidade.

[1] Alvará de 29 de julho de 1803.

O risco para o edificio foi dado em 1803 por José da Costa e Silva (e não, como alguem pensa, por Carlos Amarante), recebendo por elle 640$000 réis.

Carlos Amarante (Carlos Luiz Ferreira da Cruz) apenas emendou as plantas em 1806, recebendo por esse trabalho 72$000 réis, conforme consta da escripturação da companhia dos vinhos.

O edificio era primitivamente um pentagono, passando depois para um quadrilatero, como hoje se vê, e foi naturalmente essa a emenda que lhe fez Carlos Amarante.

As plantas foram approvadas em 1807, em Mafra, pelo ministro Antonio de Araujo, creado mais tarde conde da Barca. Os estatutos da academia são da mesma data do alvará da sua creação e referendados pelo visconde de Balsemão. Em 1813, estando a construcção do edificio ainda bastante atrazada, foi prorogado por mais dez annos o prazo marcado para o imposto do real do vinho, e em 1825, attendendo el-rei D. João VI a que, para a conclusão e manutenção do edificio, não eram sufficientes os subsidios estipulados no alvará da sua creação, ordenou a ampliação a todos os mezes do anno do mesmo imposto, que primitivamente se estendia só a seis mezes.

A academia de marinha e commercio foi reformada em 13 de janeiro de 1837, passando então a denominar-se academia polytechnica, sendo creados por essa occasião novos cursos theoricos e estabelecimentos proprios para o ensino pratico.

Em 1854, o deputado sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel propoz á camara a suppressão da academia. Esta proposta foi causa de um *meeting* no Porto. Sendo depois governador civil da mesma cidade o sr. Miguel do Canto e Castro, o governo nomeou uma commissão para lhe propor um novo plano de modificação do edificio para a accommodação não só da academia polytechnica, mas tambem da eschola industrial, da academia portuense de bellas artes, da bibliotheca publica e do museu da camara. As plantas foram apresentadas ao governo pelo membro da mesma commissão Gustavo Adolpho Gonçalves e Sousa, e foram approvadas.

Ensinam-se actualmente n'este estabelecimento as seguintes disciplinas:

Complemento de arithmetica e algebra elementar; geometria plana; geometria analytica a duas dimensões e trigonometria espherica; calculo differencial, integral e variações; geometria descriptiva e mecanica, e construcções publicas; desenho relativo ás applicações das outras cadeiras; astronomia nautica, uranographia e geodesia; zoologia, geologia, mineralogia, physica e mecanica; chimica e artes chimicas; botanica, elementos de agricultura e veterinaria; economia politica, rural e industrial, principios de direito administrativo e commercio.

A academia possue um observatorio, um gabinete astronomico, um laboratorio, um gabinete de physica e outro de zoologia. Entre as suas curiosidades contava um S. Sebastião attribuido a Rubens, e uma Venus attribuida a Ticiano, e que foi paga em 1816 por 400$000 réis á regente do collegio de Nossa Senhora das Dores e S. José. Estes quadros parece existirem hoje no museu de S. Lazaro.

Originariamente foi a companhia dos vinhos, como já dissemos, a inspectora das aulas d'esta academia.

Em 1817, porém, foi creado o logar de director litterario da academia, o qual exerceu o dr. Joaquim Navarro de Andrade, succedendo-lhe o dr. Sebastião Corvo de Andrade, ambos lentes da universidade de Coimbra. Seguiu-se a este o oppositor da mesma universidade Agostinho Albano da Silveira Pinto, e por ultimo o conselheiro João Baptista Ribeiro, nomeado por carta régia de 27 de maio de 1837.

O edificio está situado ao oriente da vasta praça da Cordoaria, para onde tem a parte posterior, deitando a frente para a praça dos Voluntarios da Rainha, e formando um dos seus lados, com outro do visinho mercado do Anjo, uma espaçosa rua.

É n'uma das suas salas que ás noites se vêem centenares de artistas, estudando com sofreguidão o desenho, o que tem concorrido extraordinariamente para o progresso das artes no Porto.

Exteriormente o edificio é de uma architectura muito regular, simples e severa.

Por vezes nos temos referido n'este artigo ao collegio dos orphãos, estabelecimento pio que se acha como que encravado no da academia. Foi esse collegio fundado em 25 de março de 1651 pelo benemerito presbytero Balthazar Guedes, nascido na freguezia de S. Nicolau da cidade do Porto, e o mesmo que depois fundou a casa dos expostos da mesma cidade.

Foi coadjuvado no seu pio desejo de proteger a infancia desvalida por seu irmão Panthaleão da Cruz, mudo de nascimento, e que pelo Brasil solicitou meios para augmento d'aquelle collegio. As materias que actualmente se ensinam aos orphãos alli recolhidos são: portuguez, francez, latim, musica vocal, piano e canto-chão. Eram mais no tempo em que tinham proximo o lyceu. Os orphãos sómente permanecem alli até á edade de 22 annos, seguindo depois o modo de vida que lhes apraz.

Segundo foi determinado pelo alvará de 29 de julho de 1803, as lojas do edificio da academia foram arrendadas, e o seu producto, constituindo parte do patrimonio do collegio dos meninos orphãos, ficou sendo administrado, como todas as outras rendas d'elle, pelo senado da camara do Porto. Ultimamente a dita camara, em consequencia do officio que lhe dirigiu o director da academia polytechnica para serem desoccupadas as lojas do lado da egreja e recolhimento dos orphãos, a fim de poderem continuar as obras da academia, resolveu officiar ao governo, pedindo-lhe um edificio para onde possa ser transferido o recolhimento em quanto duram as obras, e uma indemnisação pela diminuição que, desoccupadas as lojas, haverá na receita d'aquelle estabelecimento, por ser isto do contrato da cedencia do terreno.

O padre Balthazar Guedes, fundador e primeiro reitor d'este collegio, falleceu a 6 de outubro de 1693, segundo se vê do seu epitaphio, que existe nos claustros do mesmo collegio, e do letreiro do seu retrato que lhe está proximo. Engana-se, pois, evidentemente o auctor da *Descripção topographica do Porto*, dizendo-o nascido a 6 de fevereiro d'aquelle mesmo anno. Nenhum d'aquelles letreiros nos indica a data do nascimento do virtuoso presbytero, que parece ignorada.

J. PINTO RIBEIRO JUNIOR.

D. FRANCISCO DE ALMEIDA

(Vid. pag. 191)

V

Passemos rapidamente os acontecimentos menos importantes que se realisaram depois do vice-rei partir de Angediva, taes como a sua entrevista em Cananor com o rajah d'este pequeno reino; o ataque da fortaleza de Angediva, repellido por D. Lourenço de Almeida, a quem seu pae enviou em soccorro da fortaleza ameaçada; e cheguemos já á gloriosa façanha com que D. Francisco de Almeida assignalou na India o principio do seu vice-reinado.

Com a chegada de tão poderosa armada, sobresaltára-se o samori de Calicut, sabendo que os portuguezes não costumavam deixar por muito tempo em aberto dividas tamanhas, como as de que elle estava sendo credor. Estes receios foram destramente ali-

mentados pelos negociantes musulmanos estabelecidos na India, que viam o seu commercio arruinado, e interceptado até o caminho das suas romarias religiosas. Aconselharam-lhe elles, pois, que não esperasse o estalar do raio, e que, tomando audazmente a iniciativa, armasse uma forte esquadra para sorprender o vice-rei, em quanto este ainda estava occupado com os preparativos da expedição que inevitavelmente dirigiria contra Calicut, e fatigado da longa viagem, e desprevenido, em fim. Offereceram-se a concorrerem com o seu cabedal para os gastos da armada, e com as suas pessoas para a sua tripulação. Os interesses eram communs, e, por conseguinte, n'essa occasião indispensavel a solidariedade.

Conhecendo a verdade do que se lhe dizia, desejoso de lavar a affronta que Duarte Pacheco em terra lhe havia infligido, e, mais que tudo, ancioso de expulsar para sempre da India esses audazes aventureiros, que tinham vindo perturbar a serena tranquillidade dos adoradores de Brahma, tratou o samori de fazer prestes uma esquadra com o auxilio dos musulmanos residentes não só no seu reino, mas de toda a costa do Malabar, que todos eram egualmente prejudicados pelas correrias dos portuguezes.

Com tanto segredo se fizeram os preparativos, que, a não serem algumas leves desconfianças do feitor de Coulão, ninguem suspeitava da conspiração que se estava urdindo, e, se não fosse um aviso que lhe foi enviado de Cochim, ficaria o vice-rei deveras sorprendido com a apparição da armada de Calicut. Teve tempo, ainda assim, de chamar a toda a pressa a esquadrilha de D. Lourenço, de concentrar as suas forças, e de sair ao encontro dos indios á testa de vinte velas, em que iam embarcados perto de dois mil homens.

Com esta pequenissima força, que os portuguezes d'esse tempo consideravam uma potente esquadra, com a qual se julgariam capazes de avassallar o mundo, foi D. Francisco de Almeida combater os indios e os musulmanos, cuja armada, composta de muitos navios de alto bordo e de uma infinidade de paráos, orçava, segundo assevera o sisudo Gaspar Corrêa, por quatrocentas velas.

Fazia-se ao largo a frota portugueza, quando avistou, lá muito ao longe, a armada inimiga, que vinha terra a terra, impellida por uma branda viração, que lhe infunava o panno e lhe favorecia o andamento, e que, mal divisou tambem os nossos navios, quiz tomar-lhe a dianteira para voltar depois sobre elles. Adivinhou-lhe a intenção D. Francisco de Almeida, e não lhe querendo deixar completar a manobra, e desemmaranhar a teia vastissima das suas naves de fórma que lhe enlaçasse depois nas innumeras malhas a pequena esquadra, deliberou, como habil almirante, sorprendel-a no meio do movimento, e varejar com a artilheria essa profunda columna de navios, onde nem um só tiro sería perdido.

Compunha-se a esquadra portugueza de oito naus grossas, e o resto galés, caravelas e navetas, e um bergantim que fazia o officio de ajudante de campo, levando a todos os capitães as ordens do chefe. Marcharam na frente as galés, fazendo força de remos, para irem dar em cheio na vanguarda do inimigo; seguiram-se-lhes as caravelas em segunda linha; curvando-se graciosamente ao sopro do vento, em terceira linha, as navetas e as oito naus grossas, formando a reserva, agruparam-se em torno da capitania, em cuja tolda se desenhava o nobre vulto do vice-rei, com semblante risonho, e nos olhos esse fulgor sereno que presagia a victoria e influe animo e confiança nos mais timidos e nos mais incredulos.

A manobra foi executada audaciosamente. As galés, como essas peças de artilheria ligeira que vão em atiradores abrir profundo sulco nos quadrados que as grandes massas de cavallaria se preparam para desmoronar, avançaram quasi á queima-roupa, e, arrojando a um tempo uma nuvem de balas sobre a esquadra inimiga, fizeram-n'a logo estacar, e de fórma que, parando de subito as naus, que vogavam com certos intervallos, as que iam na dianteira ficaram amontoadas e emmaranhadas n'uma confusa massa, que sería fulminada só pelas galés, se os paráos não acudissem de um e outro lado a saltear as estouvadas que tanto desbarato haviam produzido com uma simples descarga. Não commetteram ellas a imprudencia de esperar o ataque, tinham cumprido a sua missão, e, portanto, retiraram para junto das caravelas, que se encarregaram de receber os paráos com uma salva de artilheria, que os destroçou.

Então o vice-rei, não querendo desaproveitar a confusão que ainda reinava na esquadra inimiga, ordenou ao bergantim que fosse tomar uma das caravelas, e ás duas galés que fizessem o mesmo a outras, e as fossem collocar para além das naus indianas (e era dada esta ordem porque amainára o vento, e as caravelas não se poderiam mover se as não rebocassem os navios de remos). Assim fizeram os tres barcos, e em duas viagens pozeram as caravelas no flanco da esquadra inimiga, deixando-se as galés ficar, e voltando o bergantim a pôr-se ás ordens do vice-rei. E assim, caravelas e galés, tendo as naus indianas alli amontoadas e immoveis por causa da calmaria, varejaram-n'as muito a seu gosto, ainda que os inimigos respondiam com artilheria, que tambem molestava bastante os nossos navios; mas o vice-rei tivera a habilidade de, com uma força tão menor, apresentar em linha de combate maior numero de navios. O mesmo fez com os batalhões em terra Napoleão na batalha de Austerlitz, e quando o imperador Alexandre, por occasião de se concluir o armisticio, perguntava ao general Savary qual era o segredo d'esse milagre: «*Sire, c'est l'art de la guerre*», dizia-lhe o futuro duque de Rovigo.

Vêem os leitores claramente a situação das duas esquadras. A indiana, accumulada e confusa, tem a maior parte da sua artilheria inutil, e só póde entrar em combate com os navios que formam um dos lados do seu quadrado. Os paráos nada mais fazem do que percorrer os intervallos das naus, recolhendo os combatentes caídos ao mar. As caravelas e as galés portuguezas, espraiadas muito á vontade ao longo da esquadra inimiga, não perdem um só tiro, e, afundando os baixeis a que podem atirar ao lume d'agua, e destroçando os mastros d'aquellas que varejam de recochete, ou por cima da mastreação das mais proximas, espalham um immenso terror na frota de Calicut. As navetas, immoveis entre os navios inimigos e as naus da nossa reserva, ameaçam a frente da esquadra indiana, e preparam-se para operar uma diversão util, apenas se levante alguma brisa. A bordo das naus, a flor da fidalguia portugueza, e principalmente os fidalgos moços, entre os quaes sobresae D. Lourenço de Almeida, fremem de impaciencia por não poderem tomar parte mais activa no combate. D. Francisco, sereno e imperturbavel, vigia attento o horisonte, espreitando o minimo indicio que lhe revele o levantar do vento; e, a fim de prevenir esse caso, manda ás navetas o seguinte aviso:

«Assim que soprar alguma brisa, desfiram as velas, e entrem rapidamente na esquadra inimiga. Passem-n'a de parte a parte, disparando para um e outro lado a sua artilheria. Depois, mal chegarem ao fim, virem de bordo, e pelo sulco aberto voltem fazendo o mesmo estrago.» Ordem audaciosa que os capitães das navetas ouviram com essa heroica singeleza, que é a mais caracteristica feição do valor lusitano d'essas eras.

Executou-se pontualmente a ordem. Assim que soprou o vento, os indios, que ardiam por vingança,

desfraldaram panno, e marcharam sobre as caravelas para as esmagarem; mas era necessario tempo para desembrulhar a esquadra, fatigada pela maior parte de um combate inglorio, e toda avariada. Antes que o podessem fazer, corriam sobre ella as navetas frescas e intactas, passavam-lhe pelo meio como um turbilhão de fogo e ferro, e cumprindo, sem discreparem n'um só ponto, as ordens do vice-rei, voltavam de novo, semeando por todos os lados o estrago e a morte.

Vendo a desordem que reinava a bordo da esquadra inimiga, D. Francisco de Almeida tratou de lhe dar o ultimo golpe, fazendo avançar uma porção da reserva. Recebida essa ordem, por que estavam tão cubiçosos os jovens fidalgos, subiram aos ares de bordo das naus de D. Lourenço, Ruy Freire e Bastião de Sousa, que foram as escolhidas para a ultima carga, estrondosos vivas, grande vozearia e estrepitoso clangor de trombetas, com que os heroicos moços manifestavam o jubilo que sentiam por poderem, finalmente, tomar parte no combate. E tão contagioso foi o enthusiasmo, que muitos dos fidalgos que estavam com o vice-rei lhe pediram licença para passarem para as naus escolhidas; e, assim que a obtiveram, metteram-se no bergantim, e foram juntar-se aos seus companheiros de armas, que os receberam de braços abertos.

Deu-se, finalmente, o signal, e as tres naus portuguezas, soltando ao vento as velas, passaram ufanas por diante da capitania, onde o vice-rei, procurando domar os varios sentimentos que lhe tumultuavam no peito, mostrava rosto sereno e risonho ao filho, ao filho querido que elle enviava talvez á morte. Saudou-o D. Lourenço, revelando na physionomia o enthusiasmo guerreiro que o abrazava, e, seguido pelas outras duas naus, entrou na confusa massa da esquadra indiana, tão desordenada já em consequencia das habeis manobras do vice-rei. Então não se tratava senão de terminar o combate pela abordagem. D. Lourenço escolheu a capitania do inimigo, Ruy Freire e Bastião de Sousa lançaram os arpéos em dois outros navios, e o combate, corpo a corpo, travou-se com renovada furia.

Entretanto, as naus de Meca, vendo o combate perdido, procuraram ao menos esquivar-se; mas D. Francisco de Almeida, que, como vigilante general, a tudo attendia, assim que lhes percebeu a intenção, ordenou ao bergantim que avisasse as caravelas e as galés, cujo concurso estava sendo inutil, para que lhes fossem no alcance e as aprezassem, ordem que não chegaram a cumprir, o que muito agastou o vice-rei, que as viu no dia seguinte voltarem, sem trazerem a preciosa preza com que elle já contava.

Estava a batalha ganha; fôra curto o combate de D. Lourenço. Os indios e moiros, fatigados e descoroçoados, não poderam resistir ao bravo impeto da flor da fidalguia portugueza. Quando findou o dia, abraçou D. Francisco de Almeida seu filho, que voltava são e salvo e coberto de gloria.

Tal foi a primeira batalha maritima que o vice-rei ganhou. Eram enormes as perdas dos de Calicut; foi immenso o effeito produzido pela noticia da victoria; o terror do nome portuguez espalhou-se por todo o Indostão; tremeram os nossos inimigos, cobraram novo animo os nossos alliados, e os indecisos vieram logo procurar a nossa amizade. Adquiriram os portuguezes fama de invenciveis, e o seu valor, exaltado pelos vencidos, chegou a considerar-se como sobrehumano. Pois não fôra sobrenatural a victoria; fôra simplesmente devida á pericia militar e ao genio de D. Francisco de Almeida.

Vimol-o grande general na tomada de Mombaça, vimol-o notavel almirante no combate que narrámos, vêl-o-hemos agora habil politico e diplomata.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

NAVIOS ENCOURAÇADOS

Foi em 1854 que as machinas de vapor foram applicadas aos navios encouraçados. A idéa de defender os navios com couraças metallicas não é nova; assim, em 1530, na esquadra mandada por Carlos V contra Tunis, para soccorrer Muley-Hassan contra o corsario Barba-Roxa, ia um navio chamado *Sant'Anna*, de forte tonelagem, e munido de possante artilheria, o qual, entre outras muitas particularidades, tinha uma couraça de chumbo com cavilhas de bronze. Posteriormente, várias tentativas infructuosas foram emprehendidas por Arçon em 1782, no sitio de Gibraltar, e em 1813 na America por Fulton; mas foi durante a guerra da França e Inglaterra contra a Russia que a couraça como meio defensivo entrou na pratica do armamento naval. Em um ataque feito pela esquadra anglo-franceza contra Sebastopol, soffreram os navios de madeira extraordinariamente dos projectis ôcos atirados pela formidavel artilheria das fortalezas russas, a ponto do imperador Napoleão III fazer expressa recommendação aos commandantes das esquadras para não exporem sem vantagem alguma, ao destruidor fogo do tiro debaixo de pequenos angulos dos obuzes das fortificações russas, o riquissimo material que compunha as forças navaes das nações alliadas. Ao mesmo tempo fazia estudar e experimentar em França o meio de cobrir os navios de madeira e preserval-os da acção das granadas. Teve então a idéa de revestir as amuradas de madeira com chapas de ferro; as experiencias em Vincennes excederam tudo o que se podia esperar; não só as couraças de ferro resistiram ás balas ôcas, mas até se não deixaram penetrar pelos projectis massiços. Em consequencia, foram logo construidas tres embarcações encouraçadas, que se denominaram baterias fluctuantes, com os nomes de *Devastation*, *Lave*, *Tonnante*.

As baterias fluctuantes são uma especie de material naval de sitio; munidas de uma machina de vapor e de um helice, podem mover-se e collocar-se vantajosamente perto das fortalezas, e com o auxilio da sua poderosa artilheria produzir grandes destroços, soffrendo pouco ou nada, graças á sua blindagem de ferro. Assim, em 1856 destruiram e obrigaram a capitular a fortaleza de Kinburn, no mar Negro, dentro de quatro horas. A conclusão da paz não permittiu que os seus effeitos fossem experimentados em Kronstad.

Nas baterias fluctuantes, em virtude da sua construcção, as qualidades nauticas estavam completamente sacrificadas ás qualidades bellicas, de modo que pouca velocidade tinham; não eram, apesar de possuirem machinas de duzentos a trezentos cavallos, propriamente navios para se atreverem a metter-se ao mar. Foi mais tarde que se applicou aos navios destinados á navegação no alto mar o systema das couraças. Sendo a França a primeira nação da Europa que emprehendeu a construcção de navios encouraçados, foi, porém, depois excedida pela Inglaterra.

Sem a machina de vapor póde dizer-se que eram impossiveis os navios encouraçados, porque, sendo forçosamente maus barcos de vela, quasi que ficavam reduzidos a massas inertes sem a acção do poderoso motor do vapor. É claro que o helice é o unico propulsor possivel nos navios blindados, porque as rodas, sendo exteriores, ficavam completamente expostas e sem defesa.

Um dos melhores navios encouraçados até hoje construidos é a fragata franceza *La Gloire*, coberta completamente de uma couraça de ferro até 2^{m} abaixo da linha de fluctuação, com uma espessura de $0^{m},116$ de ferro.

A Inglaterra, posto que começasse a construcção

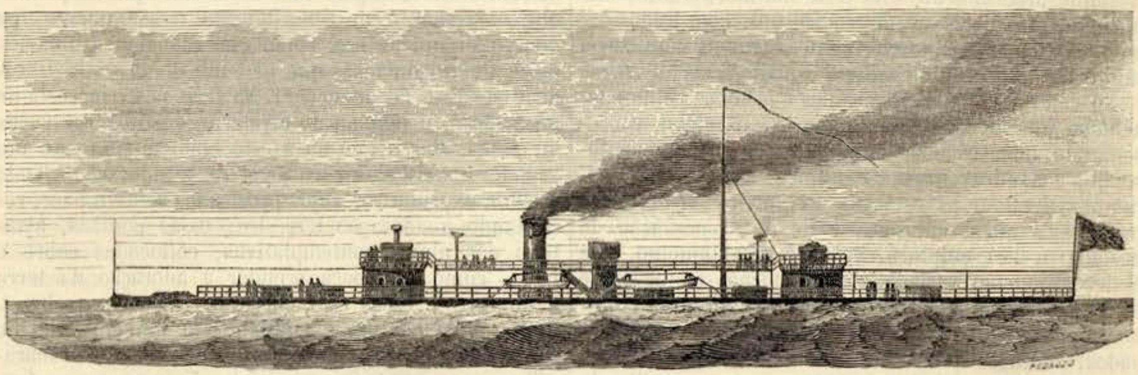
dos navios encouraçados depois da França, possue actualmente maior numero; é, porém, forçoso dizer que os seus navios blindados apresentam diversos typos, cuja indecisão e incerteza na construcção e armamento mostram estarem longe de attingir o fim a que se destinam. A maior parte navega e governa mal. Em geral, os navios encouraçados apresentam más condições de navigabilidade.

Os navios encouraçados tem geralmente á proa, e ás vezes tambem á pôpa, uma formidavel saliencia, quasi sempre submergida, denominada *rostrum* ou *esporão*, fortemente blindada, e de uma grande resistencia; o esporão, actuando sobre um navio inimigo, pela sua grande massa, e pela grande velocidade que lhe póde dar a machina de vapor, produz um espantoso choque, a cujos effeitos destruidores mesmo os navios encouraçados ás vezes não resistem.

Diversos são os systemas de blindagem: n'uns o revestimento é completo, como na *Gloire*, no *Minotauro*, etc.; n'outros apenas tem couraça na bateria e no plano de fluctuação, como em a nau *Magenta*, *Solferino*, etc.; n'outros apenas a blindagem os protege na parte média, ficando as extremidades completamente vulneraveis, como na fragata *Warrior;* uns são de madeira, como o *Royal-Oack;* outros de ferro e com contra-placa de ferro interiormente, como no *Achilles;* n'outros ha sobre o convez pequenas torres blindadas, girantes, guarnecidas de bocas de fogo de grande calibre, taes são o *Monitor* dos Estados Unidos, a fragata ingleza *Royal Sovereign*, etc.

Modernamente construiu-se nos Estados da União um novo navio blindado, com o nome de *Miantonomah*, que é uma especie de monitor, mas que tem a particularidade de estar quasi todo submergido; assim, o casco d'este barco exige 5^{m} de agua para fluctuar, e tem fóra d'agua apenas uma altura de 0^{m},90, de modo que qualquer ondulação do mar o cobre completamente, ficando só fóra da agua as torres girantes.

Tem este navio extraordinario 78^{m} de comprimento e 18 de boca proximamente; a sua tonelagem é de 1:500 toneladas; as suas machinas são da força de 1:500 cavallos, e dão movimento a dois helices independentes. As torres tem 6 metros de diametro, e são armadas cada uma com duas grandes peças lisas de



Miantonomah, navio encouraçado, com duas torres, da marinha dos Estados Unidos

Rodman, do calibre de 0^{m},38, lançando balas de 480 arrateis, e granadas de 306 arrateis.

Em um tal navio a tripulação allumia-se constantemente, dia e noite, com a luz de lampadas; para tornar mais supportavel a habitação da equipagem em uma tal embarcação, ha uns ventiladores que renovam o ar constantemente, e que recebem movimento de machinas de vapor.

A espessura da couraça nas torres é 0^{m},28 de ferro. A couraça que reveste os flancos do navio é formada de 0^{m},08 de madeira e 0^{m},18 de ferro. O convez é blindado com 0^{m},10 de madeira e 0^{m},18 de ferro. Na torre á proa é que se acha a roda que dá movimento ao leme; e ao centro da mesma torre acha-se a agulha magnetica. Entre as duas torres corre uma alta galeria ou ponte, onde póde andar a guarnição quando as vagas cobrirem o convez. Umas aberturas communicam d'esta ponte para o interior do navio por meio de uma especie de largos tubos.

Além das machinas para o movimento dos helices, que dão ao navio uma velocidade de 10 milhas por hora, tem outras de pequenas dimensões, e que servem para dar movimento de rotação ás torres, aos ventiladores, a fim de introduzir ar novo dentro do navio e expulsar o que está viciado, e ás bombas para introduzir agua do mar, que, depois de convenientemente distillada, serve para beber, etc.

O *Miantonomah* foi expressamente a S. Petersburgo, com a embaixada a quem o governo americano incumbíra de felicitar o imperador da Russia por se haver frustrado o ultimo attentado contra a sua vida, levando n'essa occasião dois navios de comboio, para o caso de que necessitasse de auxilio; depois de sair da Russia visitou diversos portos de Inglaterra e França, onde foi objecto de observação e estudo.

Ultimamente acaba de chegar ao porto de Lisboa, onde se acha fundeado. Este grande monitor merece ser visitado, pela originalidade e perfeição de fabrico que apresenta. A nossa gravura é a imagem fiel d'este original navio de construcção americana.

FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

PORTO

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL PORTUGUEZA DE 1865

(Vid. pag. 246)

VIII

NAVE LATERAL DA PARTE DE LÉSTE

Esta nave é em tudo egual á do lado de oéste, de que acabâmos de fallar. Relativamente, porém, á exposição, levava-lhe immensa vantagem, pela belleza, bom gosto e riqueza dos productos que encerrava. Se quizeramos com um só traço dar uma idéa da opulencia e primores artisticos que alli se viam, afigura-se-nos que bastaria dizer que todo aquelle vastissimo salão estava dedicado á industria franceza, e que ahi ostentára a França em muita diversidade de productos, mas sobre tudo na marcenaria e na sublime arte que immortalisou Benevenuto Cellini, o poder da sua invenção, a supremacia incontestavel do seu gosto artistico, e a delicadeza e perfeição com que executa todas as obras de arte e trabalhos da industria.

Logo na parede do topo do salão, da parte do norte, expoz mr. *Ernesto Leblanc-Granger*, de Paris, a sua joyalheria historica, e collecção de armas, armaduras

e brazões da feição dos antigos. Compunha-se aquella de muita diversidade de joyas, ornadas de pedras falsas, e feitas com delicadeza e exacta similhança das que se usaram na edade média, taes como coroas e outras insignias de imperador e de rei; diademas e mais adornos de princezas e castellãs; veneras de ordens de cavalleria, etc., etc. Todos estes objectos estavam recolhidos em um armario de vidraças. Aos lados d'este erguiam-se formosas e ricas armaduras completas de fino aço, variadas no feitio, mas todas resplandecentes e cinzeladas com mui brincados lavores.

Por cima das armaduras resaltavam da parede vistosas panoplias compostas de escudos e de diversas armas ao modo das que se usavam na guerra antes da invenção da polvora.

Em seguida das armaduras, mas junto á parede da parte de oéste, via-se uma fileira de moveis ricos e de magnificos estofos. Faremos menção de dois moveis, uma chaminé e uma secretária ou contador, por serem obras de arte de extraordinario merecimento.

A chaminé, a que bem quadra o epitheto de *monumental*, é feita de marmore, bronze e nogueira. A chaminé propriamente dita é de marmore verde, não *antiquo*, mas do chamado *serpentina*, com lindos ornatos de bronze. Superiormente ergue-se um corpo muito elevado e de elegante e grandiosa architectura.

No centro, entre duas grandes e esbeltas columnas, acha-se um medalhão com um baixo relêvo, representando uma caçada de javalis, de primoroso desenho, e admiravelmente esculpido. Aos lados das columnas avultam as estatuas de *Apollo e Diana*, de proporções quasi naturaes, e de egual perfeição de desenho e de esculptura. Sobre o entablamento, que é decorado com variada ornamentação, e que serve de remate a este corpo architectural, figuram dois lindos genios reclinados, e leve e graciosamente debruçados, como se quizessem contender com as pessoas que contemplam, cheias de enlêvo, esta maravilha da arte de esculptura, toda feita de nogueira, e conservando a propria côr da madeira.

Esta riquissima chaminé, cujo preço se eleva á somma de cincoenta mil francos, foi feita em Paris nas fabricas de mr. *Henri Fourdinois*, um dos mais distinctos esculptores de França, premiado em todas as exposições universaes, e condecorado com a legião de honra.

Acha-se ainda ao presente esta magnifica peça no palacio de cristal, no mesmo logar que occupava durante a exposição.

O outro movel a que nos referimos, obra do mesmo auctor, é tambem de nogueira lindamente esculpida, marchetada de marfim e prata cinzelada, e com seus embutidos de lapis-lazuli e sanguinea. Compunha-se este movel de dois corpos; o superior, que estava exposto no palacio de cristal portuense; e o inferior, que fôra enviado á exposição de Dublin, effeituada ao mesmo tempo que a do Porto. Custava o movel completo trinta mil francos.

Proseguindo na visita do salão, via-se do lado direito um comprido armario de vidraças, onde mr. *Armand Calliat*, de Leão, e *Trioullier et fils*, de Paris, ostentavam as suas magnificas e bellas collecções de vasos sagrados e de outras alfaias. Constavam de custodias, pyxides, calices, patenas, cruzes, relicarios, thuribulos, navetas, jarros, bacias, galhetas, baculos, candelabros, castiçaes, etc., de prata branca ou doirada, no gosto moderno ou no da edade média, com guarnições de pedras preciosas ou de esmaltes, ou simplesmente de ornamentos de esculptura. Eram duas soberbas collecções, que deslumbravam pela sua riqueza, e em que os olhos se embeveciam, encantados pela belleza e variedade das fórmas, pelo vivo matiz dos esmaltes e sua graciosa combinação, pela infinita delicadeza dos lavores, e pela perfeição magistral do trabalho. A par dos vasos sagrados feitos á imitação dos dos seculos XIII e XIV; a par das peças fabricadas no estilo romano, bysantino e do renascimento, figuravam os mais formosos typos da arte moderna.

D'entre tantas maravilhas especificaremos duas custodias, uma d'ellas sem raios, uma pyxide, um galheteiro e um baculo, tudo obra de mr. *Calliat*.

A *custodia sem raios* foi mandada fazer pelo imperador Napoleão III, e doada por este soberano ao bispo de S. João de Maurienne. Era uma das peças mais admiraveis da collecção exposta no palacio de cristal portuense, e tambem uma das que maiores creditos tem grangeado ao celebre ourives de vasos sagrados.

Foi apreciada esta custodia em França por muitos homens distinctos por talento e competentes na materia. Um d'elles, o abbade de S. Pulgent, expressa-se assim nas suas *Considerações sobre a ourivesaria religiosa*: «.... a idéa da gloria é apenas accessoria; a que esta custodia quer exprimir-nos é a traducção d'esta oração da egreja: *et filium tuum benedictum nobis ostende*. Não é verdade que os pannos que enfaixam o menino figuram o sacramento, no qual a divindade está como que reduzida a uma especie de impotencia, que não lhe deixa outra liberdade senão a de abençoar? Na face posterior está de pé S. José, o homem do mysterio, destinado a occultar Jesus. Mas o que dá a este bello monumento um grande e verdadeiro caracter é a adoração. Tudo n'elle a exprime: os anjos prostrados sobre a base, recordando a adoração terrestre; essas pombas, symbolo das almas contemplativas, collocadas sobre o nodo, como que para prender a adoração da terra á do ceo; e esses oito cherubins dispostos sobre o disco, onde cantam o cantico sem fim em volta do throno do Cordeiro. O effeito d'esta custodia é maravilhoso: se não procurou deslumbrar com o esplendor luminoso dos raios, obteve o mesmo resultado com o enlace de arabescos e outros lavores que offerecem á vista uma reunião de ornamentos sustentada com singular egualdade. A folhagem de videira, as hastes e espigas de trigo e os mais ornatos; a perfeita união da parte redonda da custodia com a haste, de que ella sae como uma natural dilatação; a disposição harmoniosa da pedraria e dos esmaltes, tudo isto concorre para fazer d'este vaso sacro um poema da Eucharistia, etc.»

A *pyxide*, chamada *das pombas*, era tambem um objecto de elevada significação religiosa, e de extremado primor. É tão sublime o pensamento que dirigiu o cinzel do artista, que não podêmos resistir ao desejo de o fazermos conhecido dos nossos leitores pelas proprias palavras de um espirituoso escriptor francez: «Esta pyxide, diz elle, impressionou-nos pela sua riqueza, e interessou-nos pela sua iconographia, que explica os tres momentos eucharisticos. Antes da communhão é o *desejo*, que lá está symbolisado pelas pombas, adejando em volta da sagrada hostia, sobre a cobertura da pyxide. Esta idéa estava já expressa pelas aguias que supportam a cruz, recordando a letra do evangelho: «*Aonde estiver o corpo se ajuntarão as aguias.*» O segundo momento é o da *communhão*, o qual se vê representado na taça da pyxide por umas pombas tendo a cabeça ornada com o penacho symbolico, que nas pinturas das catacumbas é o emblema da communhão recebida. O terceiro consiste na *satisfação de ter commungado*: as almas, sob a figura de pombas, poisam em ramos de oliveira, gozando da Eucharistia na paz do coração.»

A *custodia das amethistas*, cujos raios são formados por longas enfiadas d'estas pedras, adornava-se com infinidade de estatuas, arabescos, silvados e rendas

peregrinamente cinzelados. O seu estilo é o que se usava no seculo XIV.

O *galheteiro gothico* chamava a attenção pelo seu feitio esbelto e engraçados relêvos; porém o que mais o recommenda ao exame é o prato, pela scena do diluvio n'elle esculpida com singular perfeição. A narração biblica d'este grande cataclismo está alli posta em relêvo com a maior pericia. A terra coberta pelas aguas; a arca dominando as vagas; o corvo partindo como explorador; o pombo voltando com o ramo verde, annuncio feliz de que as vagas começavam a baixar; e o arco-iris apparecendo a confirmar as esperanças de salvação, formam um quadro lindissimo e superiormente executado.

O *baculo floreteado* era tambem uma peça de muito bom effeito, de mui religiosa e philosophica significação e de esmerado acabamento. É um baculo episcopal, por onde se entrelaçam com os ramos de oliveira, symbolo da paz, os lyrios e rosas, emblemas da pureza e da graça promettidas ao pastor, como talisman para alcançar victoria contra a heresia e a impiedade, que fogem pela haste abaixo sob a figura de monstros alados.

D'entre tanta diversidade de peças, umas formosas pela sua ornamentação, e custosas pelo trabalho artistico e valor intrinseco; outras, de muito menos custo, sómente bellas pela sua elegante singeleza, poucas ficaram em o nosso paiz. Pois entendemos que é para sentir que assim acontecesse, e tambem é, certamente, para admirar, fazendo-se similhante exposição na capital de uma provincia que encerra tantas e tão opulentas confrarias, e sobre tudo n'uma cidade onde se dispendem tão avultadas quantias em solemnidades religiosas.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

A POESIA DAS TRADIÇÕES

(Conclusão. Vid. pag. 247)

VIII

Temos visto varios specimens das lendas religiosas, das devotas usanças do povo bretão. Escutámos um echo da lugubre poesia que as ondas segredam aos penedos das costas solitarias. Vejamos agora como esse povo simples encara a morte e os seus mysterios, e vejamos como o suave Homero d'essa raça extincta sabe gravar nos seus versos o vestigio indelevel d'essas tradições que se vão apagando a pouco e pouco.

Transporta-nos o poeta a casa de Hoël, do velho bretão, pae d'essa Anna, que anda agora cumprindo a romaria que prometteu fazer ao Monte de S. Miguel quando se viu na dupla garra das ondas e dos selvagens habitantes que pedem naufragios a S. Beuzec. A boa menina volta á casa paterna com Lilez e o padre, e chega já noite dentro. Sinistros presentimentos a haviam salteado no caminho. Ouviu o vozear selvagem da Pregoeira da Noite, espectro fatidico, que vagueia a deshoras, para annunciar a cada qual as desgraças que estão para lhe succeder. Chega e vê que os presentimentos a não haviam enganado. Encontra o pae moribundo.

Em toda a parte a crença em certos signaes annuncios de morte é uma das feições mais caracteristicas da superstição popular. O homem não se resigna facilmente a ser sorprendido por esse espectro fatal que, no meio dos prazeres e dos folguedos da vida, baqueia subito sobre a victima, empolga-a, e some-se com ella nos insondaveis abysmos do sepulchro.

Entre nós, as tres pancadas repetidas muitas noites a fio sobre o leito do predestinado, são annuncio infallivel de morte dentro de curto prazo. Na Bretanha a crença popular ainda é mais poetica e lugubre. Annuncio infallivel do fallecimento de um individuo é o girar-lhe quatro vezes á roda da casa o carro da morte. Á meia noite, entre o zunido do vento rijo e tempestuoso, se a noite é invernal, entre os doces murmurios dos campos se é noite estiva, ouve-se o rodar pausado do carro que descreve os seus giros fataes. É um esqueleto o carreiro, branca mortalha o toldo. O annuncio não falha.

Mas se ha pessoas incredulas que duvidem ainda, é facil a solução das suas dúvidas. Mandem para a egreja dez cotos de vela eguaes, cinco para a morte, cinco para a vida. Accendam-n'as diante do crucifixo, e sigam com attenção o arder das velas. Se as que estão destinadas á vida se apagam ou se gastam primeiro, é infallivel o passamento.

Oh! como Augusto Briseux se possuia bem da poesia melancolica da sua patria! Como elle sente e nos faz sentir a dolorosa impressão da morte do bretão. É noite; geme o vento lá fóra, o padre reza as ultimas orações, e as velas da vida apagaram-se no altar. Sente-se o ruido sinistro fóra da porta; é o carro da morte que vem buscar a alma do velho Hoël. Extingue-se o estertor da agonia no peito do moribundo, e o seu ultimo suspiro confunde-se com o zunir do vento e com o rodar vagaroso, vagaroso, da carreta fatal.

Tão lugubre é a poesia da morte quanto é suave a poesia do enterramento! Como é tocante o funeral do velho, os cuidados que se tomam para não magoar o pobre cadaver! Segue-se a estrada mais larga, evita-se a arvore, a pedra onde o caixão possa esbarrar, ou onde tropecem os bois que puxam o carro funebre. Depois tambem aqui se revela a especie de veneração que em certas coisas os povos primitivos tem pelos animaes inferiores na ordem intellectual; o instincto, ás vezes realmente mysterioso, dos irracionaes, toma aos seus olhos não sei que sobrenatural caracter. Se os bois que puxam o carro funebre param, ninguem se lembra de os obrigar a progredir; a lenda biblica da jumenta de Balaão repete-se na Bretanha. Se os animaes param, é porque vêem diante de si o espirito maligno que os não deixa caminhar. Então os piedosos bretões limitam-se a fazer o signal da cruz, que dá resultado immediatamente. O anjo mau foge furioso, e os bois tornam a mover-se.

É assim vae o funeral por entre a espessa nebrina; os padres esperam-n'o junto á cova, e o sino da aldeia envia-lhe de longe os seus dobres lamentosos.

Chega-se á beira da valla, e a esposa afflicta despede-se então pela ultima vez do companheiro da sua existencia.

Depois a terra cobre o caixão, e tudo acabou.

É então que o poeta fecha o canto com esta sentida apostrophe:

Como o velho bretão que jaz na fria terra,
se a tu'hora soou, se a campa já te encerra,
vê com que amor, Bretanha, em teu cadaver santo
derramo o doce mel que delibou meu canto.
Vê como te ergo em torno um tumulo sagrado
mais solido e gentil, mais casto e perfumado
do que o que ergueu Merlim, o sabio nigromante,
na sacra selva escura á sua doce amante!
Se o teu dia chegou, como os teus campeadores,
no seu leito de pedra, envolta em resplandores,
Bretanha, dorme em paz! ninho da minha infancia,
derrame em ti meu canto incognita fragrancia!

Nada mais poetico tambem do que o uso bretão da Noite dos Finados. Augusto Briseux canta-o com a mesma singeleza que nos enleva em todas as suas descripções.

N'essa noite os mortos saem das loisas, e, funebres abelhas, irrompem em doido enxame da sombria colmeia dos tumulos, voltam á casa que habitaram durante a vida, esvoaçam sobre a mesa, aquentam-se de novo ao doce calor dos lençoes do leito, elles que tiritam de frio envoltos na rota e esphacelada mortalha. Então as familias piedosas preparam-se para os receber convenientemente, e o prato das filhozes campeia em cima da mesa para os finados saciarem a sua fome annual. Ranchos de rapazes vagueiam pelas ruas, graves, melancolicos, entoando o cantico dos mortos. Batem ás portas de todas as casas para despertarem os que dormem e olvidam a solemnidade d'aquella noite.

Oh! se algum bretão, infiel ás crenças de seus paes, esquece o piedoso costume, e em folguedos mundanos ou em somno indifferente passa as horas consagradas á recepção das almas dos que já não existem, como o braço lhe deve parar gelado por inexprimivel terror antes de levar aos labios a taça da orgia! como a fronte, humida de suor, se ha de erguer do travesseiro quando ouvir as tres funebres argoladas na sua porta, e quando escutar a grave melopéa do cantico dos mortos, cantico para elle de remorso!

Mas não! o bretão da aldeia, por mais corrupto, por mais vil que seja, faz por superstição o que não faria talvez por affecto. Os cantores nocturnos em todas as casas acordam echos sympathicos. Não succederia o mesmo nas cidades, mas nas cidades já ha muito se desvaneceram estas poeticas usanças, e é esse esmorecer das velhas tradições o que mais punge o espirito, docemente impregnado nas fragrancias da terra natal, de Augusto Briseux.

IX

Não supponham que Augusto Briseux commemora unicamente as lendas sinistras, as lugubres tradições da velha Bretanha e as tristezas da familia armoricana; a alegre poesia da mythologia nacional, as festas do lar tambem se encontram nos seus versos, e a sua musa melancolica descerra os labios n'um sorriso ao cantar as maravilhas das fadas e o epithalamio das nupcias bretãs.

As fadas! pois a Bretanha não havia tambem de se povoar com estas risonhas filhas da imaginação do povo! Oh! e que lindas historias! e que de encantamentos! que de vaporosas nymphas brotam do cristal das suas fontes! que esplendidos palacios ellas habitam! que prodigios não faz brotar a varinha do nigromante Merlim! Lá está ainda a fonte encantada, a fonte inspiradora, a Castalia dos poetas fieis, como Briseux, ao culto e ás tradições nacionaes.

Vinde, acompanhae o bom Lilés a casa de Hervé, e sabereis como antigamente as fadas, a troco de uma leve retribuição, auxiliavam as boas fiandeiras; com que habilidade ellas teciam o linho que lhes iam pôr n'um sitio determinado! mas ai! as fadas morreram, e hoje as Penelopes bretãs tem de fazer girar sósinhas o fuso veloz!

As ceremonias dos casamentos, que fecham o poema, são descriptas admiravelmente. Ouve-se resoar nos dois ultimos cantos, intitulados os *Esponsaes* e as *Bodas*, a gargalhada franca e jovial dos convidados, que desempenham o seu papel n'aquellas scenas interessantes. A discussão que se estabelece (assim o ordena a pragmatica) entre o homem que dirige o cortejo da noiva e o mestre de ceremonias de casa do noivo, discussão que tem por fim, da parte d'aquelle, fazer com que entrem os presentes que a desposada offerece, da parte d'este, só á noiva conceder entrada, está reproduzida com encantadora jovialidade. A discussão segue-se a lucta... cortez, já se vê, e a final a noiva victoriosa, como era de presumir, entra pela brecha na fortaleza, cujo governador a recebe de braços abertos, feliz por se ter visto obrigado a capitular.

Depois vem o poetico mas incommodo uso da *sopa de leite*, sopa a ferver que os dois desposados comem no mesmo prato, dispondo unicamente de colhéres quasi sem fundo, e vendo os pedaços de pão enfiados uns nos outros em fórma de contas de rosario, isto no meio das gargalhadas e do jubilo dos circumstantes, que applaudem esse *bon tour*, sempre repetido, e sempre acolhido como novo pelos desmaliciosos bretões.

Assim, em torno de um enredo pequenino mas gracioso, agrupa Augusto Briseux as memorias alegres ou tristes da sua terra natal, dulcissimos *Fastos* que tem, mais do que os de Ovidio, o encanto do sentimento verdadeiro que os anima.

De todas as manifestações da poesia contemporanea é esta uma das que mais me enlevam. Gosto de ver o poeta, como romeiro piedoso, percorrer o passado, e juntar em viçoso ramalhete essas ultimas flores, que dentro em pouco murcharão pendidas e crestadas pelo sol da nova civilisação.

Um poema assim é como custodia santa, como devoto sacrario onde se conservam zelosamente as tradições das eras extinctas. Confesso que a sua leitura me produziu uma das mais agradaveis e deliciosas impressões que obra alguma poetica me tem produzido.

O talento do poeta estava talhado para a empreza que levou a cabo. Singeleza de estilo, perfumado sentimento, e não sei que vago tom de melancolia espalhado em todos os seus versos.

O pincel, correndo pela téla vastissima, nem um só instante afrouxou, nem uma vez só se carregou de tinta mais do que seria mister, nem de relance deixou de colorir suavemente os grupos, de os illuminar com a doce luz que lhes compete. E todos aquelles personagens, assim distribuidos, avultam-nos na imaginação, e o seu conjuncto fórma um dos mais bellos quadros que é possivel imaginar-se, um quadro completo e perfeito, onde nos apparece um povo com todas as suas crenças, com todos os seus costumes, com o seu viver e crer sobresaíndo em perfeito relêvo.

Entre tantas intelligencias robustas, que por ahi abundam em Portugal, entre tantos poetas que formam uma pleiade brilhante de que justamente nos podêmos gloriar, não haverá um que queira consagrar a uma obra d'este genero alguns annos de trabalho e o seu vigoroso talento? A obra é de tentar. O poeta que a emprehendesse podia fazer o *pendant* dos *Lusiadas*. Camões escreveu o poema dos feitos dos portuguezes; por que não ha de algum dos nossos grandes poetas escrever o poema das crenças e das tradições portuguezas, a epopéa da sua vida intima? Se ha quem o tente, que se apresse, porque é este o momento favoravel; d'aqui a pouco o progresso inunda tudo com as suas aguas niveladoras, e alcantis pittorescos, serros, agruras, aspectos varios da natureza, tudo será substituido pela monotona e lisa superficie da nova civilisação.

M. Pinheiro Chagas.

THEMAS CLASSICOS

O primeiro ladrão que houve no mundo foi o primeiro homem (tão antigo costume é serem os primeiros homens os primeiros ladrões!). Condemnou Deus este primeiro ladrão a que comesse o seu pão com o suor de seu rosto. Mas os ladrões que vieram depois souberam e poderam tanto, que trocaram a sentença; e em logar de comerem o seu pão com o suor do seu rosto, comem o pão que não é seu com o suor do rosto alheio.

Vieira — *Sermões*, t. 3, 242.